

RETRATOS DE UM RELACIONAMENTO: NAN GOLDIN E A FOTOGRAFIA DA VIDA ÍNTIMA

Ronaldo Ferreira de Souza¹

Resumo

Nan Goldin se notabilizou por suas fotos íntimas, em que expõe sua vida, tornando público o que antes era privado, com *The Ballad of Sexual Dependency* ela leva isso até as últimas consequências. O presente texto se debruçará sobre um fragmento da referida obra, fragmento este que retrata o relacionamento conflituoso da artista com Brian Burchill, que foi um de seus grandes amores.

Palavras-chave: Nan Goldin; Fotografia; Intimidade; Memória.

PEQUENA TRAJETÓRIA

Nan Goldin nasce em Washington D. C. no ano de 1953, mas cresce em Boston, Massachusetts, junto de sua família. Sua infância foi marcada pelo trágico suicídio da irmã mais velha, Barbara Holly Goldin, que tinha dezoito anos quando tirou sua própria vida, no ano de 1965, quando a irmã mais nova tinha onze anos de idade. Aos quatorze a norte-americana foge de casa, atitude que segundo a própria artista foi transformadora: “Eu sabia que era necessário eu sair de casa, então com quatorze anos eu fugi. Permitindo assim me transformar e recriar sem me perder.” (Goldin, 1986: 09)²

Por muito tempo Goldin se sentiu obcecada pela manutenção dos registros de sua memória, ela queria lembrar-se dos detalhes do que tinha acontecido em sua vida, mas não se lembrava de muita coisa. Com tudo o que tinha vivido, ao fugir de casa, e no processo de recriar-se, ela perde a

1 Instituto de Artes, UNICAMP. Mestrando em Multimeios, Bolsista Capes.

2 “I knew it was necessary for me to leave home, so at fourteen I ran away. Leaving enabled me to transform, to recreate myself without losing myself.” (As citações em outras línguas receberam tradução do autor deste texto)

memória real de sua irmã, lembrando apenas da versão que ela própria tinha criado de Barbara, das coisas que a irmã falou e o que esta significou. Mas Goldin sentia falta de outras sensações, mais tangíveis, como a sua presença, como seus olhos pareciam e como sua voz soava. E é justamente na fotografia que Nan Goldin buscou isso, para eternizar as pessoas que estavam a sua volta, para que ela nunca mais as perdesse, para que tivesse apenas uma única e verdadeira versão de toda a história e, principalmente, para que estas pessoas nunca mais escapassem à sua memória. Nas palavras da própria artista: “Eu não quero ser suscetível a ninguém, com outras versões da minha história. Eu não quero mais perder a memória real de ninguém novamente.” (Goldin, 1986: 09)³

Seguindo então esse pensamento no final de sua adolescência a fotógrafa começa a registrar todos que estavam ao seu redor e a sua própria vida, sem talvez imaginar que estaria iniciando um amplo e complexo trabalho que a levaria às galerias e museus de todo o mundo.

No ano de 1978 Nan Goldin muda-se para o Lower East Side de Manhattan, lá ela continua a jornada fotográfica que iniciou em Boston, fotografando seus amigos e o círculo boêmio do qual fazia parte. No ano seguinte, em 1979, ocorrem as primeiras exposições públicas da artista, com a exibição de *slides* em casas noturnas de Nova York. De certa maneira, a produção de Goldin entra no circuito das artes quase sem querer, pois esta não era sua intenção, ela não procurava se estabelecer dentro das artes como uma artista renomada, suas verdadeiras motivações para fotografar eram puramente pessoais. E assim, com essas motivações pessoais e criando o seu diário visual, a fotógrafa seguiu com seus registros, para guardar consigo todos os momentos possíveis, daqueles que amava e de sua própria vida.

É exatamente no ano de 1985 que a obra da fotógrafa ganha destaque dentro do circuito institucional das artes, segundo Charlotte Cotton:

A inclusão do seu trabalho na Bienal do Whitney em Nova York, em 1985, assinalou a primeira mostra de interesse da alta esfera institucional da arte por suas imagens, e a publicação no ano seguinte de seu primeiro livro, *The Ballad of Sexual Dependency* [A balada da dependência sexual], levou a intensidade de sua prolífica produção de imagens a uma audiência maior. (Cotton, 2010: 139)

Definitivamente, *The Ballad of Sexual Dependency* é um marco na carreira da artista, a exposição na Bienal do Whitney em 1985 e o lançamento do livro da referida obra em 1986 alavan-

3

“I don’t ever want to be susceptible to anyone else’s version of my history. I don’t ever want to lose the real memory of anyone again.”

caram a carreira de Nan Goldin. Talvez “*The Ballad*” seja a obra mais importante produzida por ela até o momento, mesmo com uma produção tão extensa em sua carreira.

E é dentro desta perspectiva que no final de década de 1980 a artista norte-americana passa a expor suas obras frequentemente em todo o mundo, seja em exposições coletivas ou individuais, e isso é um dos sinais da grande aceitação que seu trabalho alcançou, não obstante, seu processo de criação passou a ser muito celebrado, se consolidando como um dos meios para a produção da fotografia artística.

Esteticamente o trabalho da norte-americana chama a atenção pelo fato de que suas fotos parecem ter sido tiradas por alguém que não domina a câmera, com imagens que tecnicamente não se enquadram dentro dos rigorosos padrões estabelecidos para uma “boa foto”, mas esse é um recurso intencional. Dessa forma, temos imagens com iluminação irregular, enquadramentos sem equilíbrio, alto contrastes de cores e luz, enfim, Goldin se vale desse recurso, de uma fotografia não-técnica, como uma linguagem.

The Ballad of Sexual Dependency foi um divisor de águas na carreira da artista e a transformou em uma das fotógrafas mais influentes da contemporaneidade. Mas “*The Ballad*” não é apenas um livro com fotos, publicado com as imagens de um período e depois abandonado, é um trabalho de uma vida, tanto pelo tempo dispensado no mesmo quanto pelo seu conteúdo e importância. A obra foi iniciada em 1976 e Goldin continuou trabalhando na mesma até o ano de 2008. A exibição do trabalho é feita de duas maneiras, através de *slideshow*s, com a obra em sua totalidade e acompanhada por uma trilha sonora, e também na forma tradicional, com as fotografias emolduradas em paredes, onde temos algumas fotos selecionadas e não o trabalho todo, pois este é muito extenso. Já a publicação de “*The Ballad*” não foi alterada, o livro mantém a mesma sequência de fotos que foi lançada em 1986.

A fotógrafa também considera “*The Ballad*” como uma busca, onde tenta descobrir porque a relação entre homem e mulher é tão complicada, para ela um é extremamente dependente do outro, há uma necessidade intensa de estarem juntos, mas ao mesmo tempo estes são muito diferentes, como se fossem de planetas distintos. E a artista sente isso na pele, o que acaba dando o tom de seu trabalho: “Eu tenho um forte desejo de ser independente, mas ao mesmo tempo um desejo para a intensidade que vem da interdependência. *The Ballad of Sexual Dependency* começa e termina com esta premissa (...)” (Goldin, 1986: 07)⁴ E é provavelmente desse pensamento, da relação de dependência entre homem e mulher, que a norte-americana concebe o título da referida obra.

⁴ I have a strong desire to be independent, but at the same time a craving for the intensity that comes from interdependency. *The Ballad of Sexual Dependency* begins and ends with this premise (...)

Todo esse registro, seja dos momentos mais banais ou até dos mais íntimos, acaba por se tornar um diário visual, contendo boa parte da vida da artista, que, com suas palavras, descreve melhor a obra:

The Ballad of Sexual Dependency é o diário que eu deixo as pessoas lerem. Meus diários escritos são privados; eles formam um documento fechado do meu mundo e me permitem a distância para analisá-los. Meu diário visual é público; este se expande a partir de sua base subjetiva com a entrada de outras pessoas. Estas imagens podem ser um convite para o meu mundo, mas elas foram feitas para que eu pudesse ver as pessoas nele. Às vezes eu não sei como me sinto sobre alguém até que eu tire sua foto. Eu não seleciono pessoas a fim de fotografá-las; eu fotografo diretamente da minha vida. Essas fotos saem de relacionamentos, não de observação. (Goldin, 1986: 06)⁵

Este diário visual criado por Nan Goldin, no qual a artista diz não escolher as pessoas para serem fotografadas, mas sim fotografar os que participam de sua vida, evidencia “sua necessidade psicológica de fazer fotos das pessoas que ama.” (Cotton, 2010: 139) Essa busca incessante de Goldin em registrar todo o seu mundo, na qual ela aproxima o espectador de sua vida, nos dá um relato de uma história marcada majoritariamente por momentos de sofrimento, não que os momentos de alegria e de amor sejam inexistentes, eles estão lá, mas mesmo estes parecem caminhar em direção à dor. É como se as fotografias da norte-americana emanassem uma aura melancólica, e não importa o seu conteúdo, estas sempre serão tristes, pois são o reflexo de um período de uma vida que também foi cheia de dor.

Nan Goldin inicia The Ballad of Sexual Dependency com uma série de casais. O primeiro casal é formado com ela, a seguir aparecem seus pais e os casais formados por seus amigos, pra terminar o trabalho a fotógrafa usa as fotos de um casal de idosos e de uma imagem de dois esqueletos abraçados, no que seria um último abraço, agora eterno. Mas será mesmo que os relacionamentos duram até as pessoas envelhecerem? Será que dura “até que a morte os separe?” No meio do caminho pode haver muitas dificuldades, e é isso que temos na obra da artista, entre o primeiro casal, da qual ela faz parte, e o último, com os esqueletos. No meio de tudo isso ela tenta descobrir o que torna tão difícil um relacionamento, suas fotos mostram essa dificuldade. Na

5 The Ballad of Sexual Dependency is the diary I let people read. My written diaries are private; they form a closed document of my world and allow me the distance to analyze it. My visual diary is public; it expands from its subjective basis with the input of other people. These pictures may be an invitation to my world, but they were taken so that I could see the people in them. I sometimes don't know how I feel about someone until I take his or her picture. I don't select people in order to photograph them; I photograph directly from my life. These pictures come out of relationships, not observation.

abordagem aqui feita vamos nos concentrar na obra que nos é apresentada através do livro, mais especificamente nas fotografias que retratam a relação entre Goldin e Brian Burchill, que foi um de seus grandes amores.

UMA RELAÇÃO DE DEPENDÊNCIA

Brian Burchill, foi o namorado de Nan Goldin entre os anos de 1981 e 1984, foi fotografado pela norte-americana inúmeras vezes, e com certeza é um dos que mais aparecem em seu trabalho. Nas fotos o amante aparece em diversas situações, em momentos banais, em situações mais íntimas, em poses descontraídas, outras em que parece estar distraído, enfim, ele aparece em várias ocasiões diferentes, seja só, com a fotógrafa ou mesmo com outras pessoas. Brian marca o trabalho de Goldin, seja pela presença constante ou pela carga emocional que as imagens carregam.

Suas fotos parecem nos revelar uma pessoa desconfiada com a câmera, pois, apesar de se deixar fotografar, em muitas vezes ele encara a máquina fixamente e mesmo sendo o namorado da artista não aparece totalmente nu ou em imagens mais explícitas, (o que já acontece com outros homens fotografados por Goldin) o vemos em alguns momentos em que ele aparentemente está nu, mas essa nudez não é mostrada, e também o vemos sem camisa, o que já ocorre mais constantemente.

Das fotografias em que o namorado de Goldin é o foco principal *Brian with the Flintstones* (figura 2) talvez seja uma das mais importantes, nela temos algumas situações recorrentes quando este é fotografado. Além de olhar diretamente para a câmera, como já foi falado, Brian aparece fumando, e o cigarro está presente em muitos momentos, ora na boca, ora nas mãos. Ademais, esta imagem também carrega consigo uma luz, com seus tons quentes de vermelho e laranja, que é captada pela fotógrafa em outras situações e que podemos ver em diferentes fotos, como em *Brian on my bed with bars* (figura 3), dentre outras, o que demonstra o apreço da artista por essa plasticidade. Além disso, a referida imagem reaparece como uma espécie de metalinguagem em outra fotografia importante de Nan Goldin, na qual será abordada mais adiante.

Em uma das poucas fotos que o casal aparece junto, *Nan on Brian's Lap, Nan's Birthday* (figura 4), a artista se encontra nos braços de Burchill, temos ali o registro do aniversário de Goldin no ano de 1981. Na imagem a fotógrafa sorri timidamente enquanto Brian olha fixamente para a

câmera sem demonstrar muita emoção. É uma fotografia banal, de certa forma, poderia estar em um álbum de lembranças qualquer de uma família anônima, mas o registro é de grande importância para o conjunto da obra da norte-americana. Temos ali um casal, em seu momento, que não imagina como será seu futuro, mas que naquele instante procura selar, através da foto, sua união, esta que, também através de fotos, veremos que foi conflituosa e se desfez.

A fotografia *Nan and Brian in bed* (figura 5) talvez seja uma das mais conhecidas da artista, nela encontramos a própria fotógrafa em sua cama ao lado de Brian Burchill, em uma cena já icônica. A imagem foi concebida por meio de uma câmera fixada a um tripé e acionada por um disparador e existem outras desse mesmo momento. A foto possui uma iluminação composta por tons quentes de laranja que domina todo o ambiente, como aqui já foi falado, em uma luz também vista outras vezes, como em *Brian on my bed with bars* (figura 3) e *Brian with the Flintstones* (figura 2), sendo que esta derradeira reaparece aqui reproduzida, como uma metalinguagem, disposta no canto direito da parede, acima de Nan Goldin, o que cria uma situação muito interessante, pois o Brian da reprodução nos olha diretamente, mas o que está na cama nos dá as costas, o que também é feito com a própria Goldin. Outro ponto a ser lembrado é que o rapaz fuma nas duas situações, tanto na cama quanto na foto da parede e seus corpos são mostrados nus, são repetições que se dão em uma mesma cena, mas que se encerram por aí, o Brian Burchill que mantém seu olhar distante para o lado esquerdo da imagem e traga seu cigarro constitui ali uma atmosfera única e de total distanciamento da artista, que o observa fixamente, provavelmente cheia de pensamentos sobre o namorado e aquele relacionamento, em um momento que, ao que tudo indica, se deu após a relação sexual.

Nan Goldin e Brian viveram um amor intenso e interdependente, tanto que mesmo quando a relação começou a se dissolver os dois insistiram em continuar juntos. Nas palavras da artista podemos compreender melhor toda essa situação por eles vivida:

As coisas entre nós começaram a se quebrar, mas nenhum de nós dois pode fazer a pausa. O desejo foi constantemente reinspirado ao mesmo tempo que a insatisfação tornou-se inegável. Nossa obsessão sexual permaneceu como um dos ganchos. (Goldin, 1986: 08)⁶

6 Things between us started to break down, but neither of us could make the break. The desire was constantly re-inspired at the same time that the dissatisfaction became undeniable. Our sexual obsession remained one of the hooks.

O retrato que Nan Goldin fez de Burchill em 1984 (figura 6) é muito marcante e de certa forma está ligado com uma outra imagem. Na foto em questão o namorado de Goldin olha fixamente para a câmera (para a fotógrafa) a encarando como se fosse alguém por ele detestado, ele não esboça sorriso algum e seu semblante não é nada amigável. Com isso temos uma fotografia que carrega consigo um clima pesado e que chega a lembrar os retratos de fichamento policial, e se tivermos conhecimento da história do relacionamento de Brian com a norte-americana, bem como do desfecho deste, realmente ao olharmos o rapaz nessa condição faremos uma associação com uma pessoa que está sendo julgada por um crime, e que não é suspeita mas sim culpada, pois a foto *Nan after being battered* (figura 7) prova isso.

Goldin tinha uma grande dependência de seu namorado e o adorava, nele também buscava satisfação e segurança, mas mesmo assim em alguns momentos ela se sentia sufocada. Eles se tornaram um casal viciado em todo o amor que aquela relação fornecia. Mas essa relação chegou até um ponto que excedeu os limites individuais do casal e isso teve consequências. A artista descreve essas consequências e o fim do relacionamento:

Uma noite, ele me agrediu seriamente, quase me cegando. Ele queimou um certo número de meus diários. Descobri mais tarde que ele os tinha lido. Confrontando a minha normal ambivalência, havia traído sua noção absoluta de romance. Seu conflito entre seu desejo de independência e seu vício no relacionamento havia se tornado insuportável. (Goldin, 1986: 08)⁷

Essa agressão, além de pôr fim ao relacionamento do casal, gerou uma das fotos mais emblemáticas de Nan Goldin (figura 7), foto que expõem as marcas deixadas pelo antigo namorado no rosto da fotógrafa naquele período, e marcas estas que com certeza não foram apenas superficiais, mas também permaneceram no interior daquela mulher, que mais uma vez foi extremamente corajosa ao expor tal imagem. E, segundo a própria, após dois anos de raiva e luto os dois se encontram em uma rua pela primeira vez depois do fatídico dia, eles se cumprimentam e ela olha em seus olhos, ambos seguem seu caminho, mas Goldin percebe o quão forte foi o vínculo com aquele homem, mas ainda assim não poderia haver uma reconciliação.

The Ballad of Sexual Dependency é uma obra que evidencia um olhar específico e particular, que, ao que tudo indica, foi verdadeiramente vivenciado, mas que não deve ser tomado como

⁷ One night, he battered me severely, almost blinding me. He burned a number of my diaries. I found out later that he had read them. Confronting my normal ambivalence had betrayed his absolute notion of romance. His conflict between his desire for independence and his addiction to the relationship had become unbearable

verdade absoluta, como um modelo de vida ao qual estamos fatalmente sujeitos, *The Ballad*, e o fragmento deste aqui apresentado, é o diário visual da vida de Nan Goldin, apenas seu, e acima de tudo, enquanto trabalho fotográfico, uma obra de arte. Portanto, é justamente deste modo, tratando as fotos de Goldin como arte, que devemos direcionar nosso olhar para as imagens criadas pela norte-americana.

Com essa obra tão marcante Nan Goldin cria, além de seu diário visual e de uma narrativa da dependência sexual, um trabalho que celebra o amor e a vida, assim como os esqueletos que encerram *The Ballad of Sexual Dependency* (figura 8). É uma vida narrada com muitas tristezas e sofrimentos, mas vivida intensamente, e com muito amor, não apenas pelos namorados, mas também pelos amigos, pela família, pelo próprio ser humano. Goldin abre as portas do seu mundo para nele entrarmos e com isso revela não só o registro do que viveu, mas também o registro de quem amou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[COTTON, Charlotte](#). A Fotografia Como Arte Contemporânea. São Paulo: [WMF Martins Fontes](#), 2010.

DANTO, Arthur. "Nan Goldin". In: Catálogo Em nome dos artistas – Arte contemporânea norte-americana na Coleção Astrup Fearnley. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2011.

GOLDIN, Nan. *The Ballad of Sexual Dependency*. New York: Aperture Foundation Inc., 1986.

ROUILLE, André. A Fotografia: Entre Documento e Arte Contemporânea. São Paulo: Editora SENAC, 2009.

IMAGENS



Figura 1 – (1980) Nan Goldin – *Self-portrait in blue bathroom, London* – Fotografia, Dimensões Variadas.

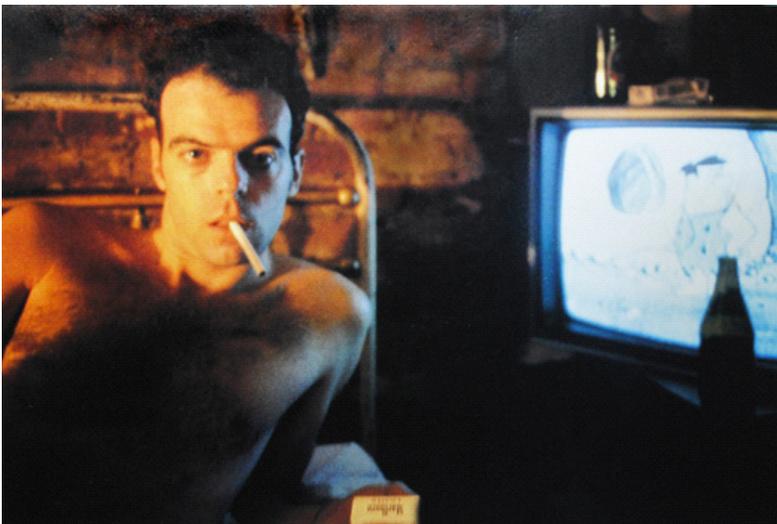


Figura 2 – (1981) Nan Goldin - *Brian with the Flintstones, New York City* - Fotografia, Dimensões Variadas.



Figura 3 – (1983) Nan Goldin - *Brian on my bed with bars, New York City* - Fotografia, Dimensões Variadas.



Figura 4 – (1981) Nan Goldin - *Nan on Brian's Lap, Nan's Birthday, New York City* - Fotografia, Dimensões Variadas.



Figura 5 – (1983) Nan Goldin – *Nan and Brian in bed, New York City* - Fotografia, Dimensões Variadas.



Figura 6 – (1984) Nan Goldin – *Brian's face, West Berlin* - Fotografia, Dimensões Variadas.



Figura 7 – (1984) Nan Goldin – *Nan after being battered* - Fotografia, Dimensões Variadas.



Figura 8 – (1983) Nan Goldin – *Skeletons coupling, New York City* - Fotografia, Dimensões Variadas.